



## INTERCULTURALIDADE E ACTIVIDADES FÍSICAS JUVENIS

### *INTERCULTURALITY AND YOUTH PHYSICAL ACTIVITIES*

Vicente A. Tembe  
Universidade Pedagógica – Moçambique

#### RESUMO

O jovem que se faz presente às actividades físicas possui potencialidades culturais, diferenciando-se em seu conteúdo, qualidade, quantidade, padrões e formas de utilização, principalmente em função das condições materiais, factores económicos e suas consequências como tempo livre e instalações desportivas. O presente ensaio tem como finalidade explanar os aspectos culturais do jovem que se apresenta para a prática de desporto e exercícios físicos. O ensaio toma em consideração as dimensões culturais como a religião, a língua, regras sociais e valores morais, partindo da convivência nas comunidades com intuito de recolha de dados para as pesquisas psicossociais emergiu o arrolamento dos aspectos culturais inerentes às actividades físicas. Assim, em certas comunidades existem a tendência cultural de discriminar as actividades físicas dos jovens, facto que deve ser equacionada na mobilização destes para o desporto e exercícios físicos.

**Palavra-chave:** Cultura. Jovem. Actividade física.

#### ABSTRACT

Young people who are present in physical activities have cultural potential, differing in their content, quality, quantity, patterns and forms of use, mainly due to material conditions, economic factors and their consequences such as free time and sports facilities. The purpose of this essay is to explain the cultural aspects of young people who present themselves for the practice of sport and physical exercises. The essay takes into account cultural dimensions such as religion, language, social rules and moral values. Starting from the coexistence in the communities in order to collect data for psychosocial research, the listing of cultural aspects inherent to physical activities emerged. Thus, in certain communities there is a cultural



tendency to discriminate against the physical activities of young people, a fact that must be considered in their mobilization for sport and physical exercises.

**Keyword:** Culture. Young. Physical activity.

## INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das ferramentas de produção, as tecnologias de informação e comunicação, a vida rotineira, o sedentarismo dos indivíduos estimulou, nos últimos anos, recorrência destes aos exercícios físicos como meio de satisfazer as necessidades físicas e psíquicas. Hoje em dia, nos jardins, nas piscinas, nos ginásios e nas ruas regista-se um número considerável de jovens a executar exercícios físicos com as mais diversificadas motivações.

Já Cratty, em 1973, defendia que os juízos pelos quais os indivíduos desempenham qualquer acção ou fazem algo são extremamente variáveis e difíceis de serem reduzidos a conceitos rígidos. Não só as razões que levam os indivíduos a praticar exercício físico são diferentes, como também o são os motivos que os fazem permanecer nessa ou noutra actividade, cabendo aos promotores da mobilização desses indivíduos, compreender e adequar os aspectos culturais na motivação para exercício físico e desporto. Por exemplo, o desporto é um fenómeno humano estreitamente ligado ao mito, a religião, a cultura e que contribui para a transformação do homem (COSTA, 1992; BARROS, 2014).

A UNESCO (2002) considera que a cultura obtém formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade manifesta-se na originalidade e na diversidade das semelhanças que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade”.

“A cultura é o conjunto de tradições (incluindo a língua, regras sociais, religião, valores morais e estéticos que caracterizam uma sociedade) que são transmitidas de geração em geração” (MESQUITA & DUARTE, 1996: 48).

A cultura é caracteristicamente estabelecida pela evolução social, em determinados períodos históricos, de modo dinâmico, a cultura implica, a grosso modo, uma totalidade de fenómenos, em conjuntos de acontecimentos sociais, políticos e económicos (TEMBE, 2006). Neste prisma, pode se entender que a cultura é um fenómeno social em que é condicionada pela



evolução do modo de produção material, onde a decorrência da satisfação de necessidades básicas, tais como a fome, o repouso, a habitação, a segurança, o sexo, o vestuário etc., quando atendidas, deixam um espaço para se gozar do tempo livre disponível. Logicamente que a existência material e espiritual determina a existência da cultura.

Concordando com Vygotsky, o desenvolvimento não pode ser separado do contexto social onde a cultura afecta a forma como o indivíduo pensa e o que pensa. A cultura exerce uma pressão no indivíduo e que o conhecimento do indivíduo advém da sua experiência social (VYGOTSKY, 1989).

Desta forma, podemos dizer que todos possuímos graus de cultura, diferenciando-se, na actualidade, em seu conteúdo, em qualidade e quantidade, em padrões e formas de utilização, principalmente em função das condições materiais, factores económicos, e suas consequências, como tempo livre e instalações desportivas.

As características supracitadas marcam as diferenciações de mentalidade de comportamentos, que acontecem por intermédio da educação, escolarizada ou informal, em função da divisão social do trabalho e de factores de poder (VYGOTSKY, 1989). De notar que na divisão social em classes verificam-se diferentes níveis culturais daí que é frequente referir-se a cultura como sinónimo de erudição (VALSINER, 2012; KELMAN, 2010). Por sua vez, a erudição, é relacionada a realidades mais elevadas, como delicadeza, conhecimentos, aceitando que a pessoa culta é aquela que se expressa correctamente, fala vários idiomas, aprecia artes, como pintura, escultura, teatro, música clássica e desporto.

Com o intuito de compreendermos a inserção das actividades físicas na cultura moçambicana achamos pertinente abordarmos a interculturalidade. A abordagem foi inspirada no modelo ecológico da prática desportiva proposto por Vasconcelos-Raposo (1993: 216), quando refere que “O desenvolvimento desportivo tende a ocorrer nos centros urbanos e os requisitos para que um atleta se integre na alta competição prendem-se com vários domínios de ordem sociocultural, daí a necessidade de melhor entendermos o impacto que os factores demográficos podem ter e, conseqüentemente, como afectam a quantidade e a qualidade dos talentos desportivos”.



Desta forma, iremos abordar os factores culturais ligados à religião, habitação, deficiência e língua que interferem nas actividades físicas dos jovens. Uma abordagem com objectivo de explicar os aspectos culturais do jovem que se apresenta para a prática de desporto e exercícios físicos.

## DESENVOLVIMENTO

Na abordagem da religião tomamos em consideração as percepções populares das religiões Cristã, Muçulmana e crenças animistas.

A religião pode ser equacionada como um factor activo e essencial das dinâmicas culturais e políticas que estão transformando o sentido do vínculo social e do político (BURITY, 2008). A presença da Igreja Cristã em Moçambique simboliza a chegada dos valores culturais do ocidente. O seu enraizamento acompanhou o engajamento de várias instituições de ciência e da política. Na conjugação das actividades dessas instituições, surgiu uma parte do mosaico cultural moçambicano.

No grupo das Igrejas Cristãs em Moçambique realçamos a existência da igreja tradicional (entende-se Católicos e Protestantes) e as seitas cristãs (entende-se os grupos com interpretação tendenciosa dos pensamentos cristãos) (TEMBE, 2006). Na visão Cristã, o bem e o mal estão devidamente definidos e cabe aos indivíduos seguir estes ensinamentos. Os vícios e as fraquezas são expurgados da concepção do Eu que esta orientação obedece. Este facto leva ao contraste entre o Eu-verdadeiro e o Eu-não-verdadeiro. De salientar que aqui o Eu humano é descrito como uma imagem limitada que rejeita a complexidade do ser humano e obedece a Igreja. Um dos ensinamentos prevaletentes nestas seitas cristãs moçambicanas é a conjugação do Eu verdadeiro e o Eu-não-verdadeiro. Contrariamente a outras visões, o Eu verdadeiro afigura-se como submissão do homem aos ideais dos pregadores e o Eu-não-verdadeiro afigura-se como defensor da interpretação complexa da vida humana.

Este pensamento faz-nos recordar os pensamentos medievais dominantes, onde o culto à beleza física ou toda a preocupação com o corpo, sob perspectiva estética, era encarada como



um reflexo do paganismo, e era proibida, enquanto a alma (entende-se via religião) era tido como o sinónimo de um indivíduo “São” (entende-se quem obedece a Igreja). Esta parte de pensamento de Platão é doravante actualizada quando deparamos com certas seitas religiosas que consideram as actividades culturais, por exemplo, danças tradicionais e desporto como actividades não recomendáveis para os jovens das suas seitas porque valorizam o corpo.

Quanto à corrente religiosa Muçulmana, que em muitos momentos é visto como um contraste da civilização ocidental, a sua inserção em Moçambique remonta aos tempos antes da chegada do Vasco da Gama. As lendas e história contam que quando Vasco de Gama chegou a uma das ilhas moçambicanas (Ilha de Moçambique) em 1497 pediu encontro com um indivíduo influente tendo-lhe sido indicado o Xeiqe de nome Mussa-Bin-Bique daí nasceu o nome de Moçambique (SANTOS, 1990).

As manifestações desta religião são notórias na discriminação do comportamento do género o que sobremaneira influencia na participação das mulheres em exercícios físicos. Uma das proibições evidentes que se manifesta na relação corpo-mente da mulher. Para esta religião o corpo da mulher constitui um património do seu marido e é ao homem como representante do Supremo que a mulher deve a obediência. O pensamento desta religião assume uma significativa importância se atendermos à sua inserção na sociedade moçambicana, daí que os motivos para a prática dos exercícios físicos, nesta comunidade, tenderão a ser influenciados pelas normas religiosas que são representadas pelo modo de comportamento imposto.

No que concerne às crenças animistas, podemos verificar que constituem uma manifestação que se enraizou em Moçambique antes das religiões cristãs, e muçulmanas entre outras. O termo animista pode ser visto como fenómeno de manifestações religiosas tradicionais africanas de milhares de etnias, heterogéneas e complexas, mas com elementos que as unem (PARADISO, 2015). Paradoxalmente no passado recente da dominação colonial em Moçambique as crenças animistas tiveram explicações demonizadas e sinónimo de vida primitiva.

Nas crenças animistas, o corpo depende da mente e na natureza existe representantes da mente. Estas crenças advogam que a pessoa, uma vez morta, torna-se o “todo poderoso” para



os vivos pelo que estes devem vassalagem. Pelos vistos, a crença é maleável e tendem a interpretar duma forma empírica os fenómenos sociais e da natureza com vista a satisfazer os seus crentes.

As comunidades crentes animistas criam no indivíduo uma personalidade de adesão. Todos os actos estão baseados em normas pré-estabelecidas. O papel do indivíduo não é outro senão o de aderir ao pré-determinado. Atendendo a que as mudanças são lentas e tendencialmente tomam forma em movimento de carácter regional, a crise e/ou o desequilíbrio aparecem em proporções restritas e reduzidas. O jovem, nestas comunidades, não foge à influência da mesma. As suas potencialidades, o seu vigor físico, a sua agressividade, os seus impulsos violentos são moldados, e amenizadas neste ambiente, daí que o jovem adquire uma personalidade de adesão, de culto à tradição, à autoridade e aos valores consagrados, permanentes e invioláveis. O jovem sujeita-se em aderir antes de decidir, sujeita-se a obedecer antes de dialogar, sujeita-se a aceitar antes de duvidar.

Nas crenças animistas a distância entre os adultos e os jovens é reduzida e, o estado de adulto é uma aspiração dos jovens dependendo do sexo. Realça-se que a ocorrência do sexismo pode propiciar a desvantagem na base do seu género e onde as mulheres tendem a ser as mais afectadas (NETO, 1998). Embora as sociedades tendem a ter leis que limitam a inserção social na base de género, em certas comunidades moçambicanas, esta prática prevalece. Nos ambientes empobrecidos tendem a se atribuir estatutos pouco dignificantes a mulheres. Também tende a se discriminar o acesso às actividades físicas, o que representa o prelúdio da discriminação ao emprego, cargos sociais e profissionais. Tradicionalmente, as crenças animistas, duma forma assinalável, não são hostis a manifestações religiosas e, conseqüentemente, não o são em relação às actividades desportivas.

No prosseguimento da explanação da interculturalidade, na componente associada aos pensamentos em relação à prática de actividades desportivas, temos a vertente habitação. Esta atenção deve-se em parte por uma simples razão e presenciada aquando da recolha de dados de pesquisa para vários estudos.



A habitação é uma das necessidades básicas que toda a população moçambicana procura satisfazer e podemos considerar como uma necessidade social elementar. As características físicas das habitações, especialmente o material de construção e o acesso a serviços básicos, são indicadores importantes do nível de vida dos agregados familiares e dos seus membros. As características do parque habitacional na sociedade moçambicana constituem um indicador bastante relevante do nível de desenvolvimento socioeconómico. Nas zonas rurais, onde reside uma parte considerável de moçambicanos, a habitação predominante é a palhota. A este facto alia-se a falta de instalações desportivas, por mais elementares que sejam. Ora, se existem estas carências, até que ponto o meio socioeconómico influencia a formação do comportamento em especial as motivações para prática de actividade desportivas. A condição da habitação e instalações desportivas deve ser interpretada no âmbito cultural e económico.

As actividades físicas possibilitam maior mobilidade e autonomia, melhora no humor e desenvolvimento social dos indivíduos dos vários estratos sociais (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2013). Nas comunidades moçambicanas existem indivíduos com deficiências, cujo número é compreensível se tomarmos em consideração os conflitos armados experimentados no país durante as últimas décadas.

“Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interacção com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efectiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas”, conforme o artigo 1 da Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (ONU, 2006). Este dado é deveras importante se tomarmos em consideração o aparato que rodeia o afectado a nível comportamental. Até que ponto os jovens que possuem contactos com as pessoas portadoras de deficiência lidam com desporto? Este facto tem sido presenciado com preocupação nas zonas rurais. Nestas zonas verificamos que o deficiente é em muitos casos encarado como vingança dos defuntos (entenda-se como referindo-se a outras mentes) ao indivíduo ou família. Este facto para um jovem pertencente a uma família com esta percepção constitui um indicador de que se deve ser leal às crenças familiares (animistas) ou



certas seitas, daí que estas seitas a nosso entender constituem parte da socialização que influencia a formação da personalidade do jovem.

Num outro passo devemos ter em consideração o estado civil ou conjugal prevalecente em Moçambique. Normalmente, são os pais os primeiros modelos comportamentais de uma criança pois a eles cabe o papel de reforçar algumas formas ou normas para o comportamento e desencorajar outras. Só dessa maneira vão ajudando a determinar os hábitos e valores dos seus filhos e da sociedade em geral, promovendo a conformidade comportamental.

O estado civil ou conjugal, podemos considerar como uma característica sociodemográfica básica das populações moçambicanas e que abrange aspectos biológicos, sociais, económicos, legais e religiosos. A composição da população moçambicana segundo esta variável é o resultado de três eventos vitais. O primeiro evento é a união relativamente permanente de duas pessoas de sexo oposto com o propósito de constituir uma família. Quando a união tem um carácter legal, designa-se por casamento ou matrimónio e quando a união é de facto, por união marital.

Em Moçambique, a união marital envolve um acordo entre as famílias dos cônjuges. Em muitos casos, na zona sul, essa união consuma-se em forma de *lovolo*, uma forma de dar dotes aos pais da noiva. Neste sentido, não pode ser considerada como uma simples união consensual, mas sim, como um matrimónio tradicional. O segundo evento é a dissolução da união por decisão de um dos cônjuges ou de ambos. Quando a dissolução é legal designa-se por divórcio e quando é de facto, por separação. O terceiro evento é o óbito de um dos cônjuges. O cônjuge sobrevivente é o viúvo ou a viúva. Estes eventos mudam permanentemente a distribuição das pessoas por estado civil.

O aspecto do estado civil é relevante quando queremos exercer uma comparação intercultural, pois, entendemos que cada cultura tem seus valores, códigos de moral e maneiras distintas de comportamento e, é ela que estabelece as regras para o treinamento da criança e os relacionamentos dentro da família.

O ambiente familiar deve ser de protecção, caracterizado por respeito, afectividade e relação de igualdade. Quando ocorrem lares desestruturados, autoritários, hierárquicos com



rigidez de padrões morais e sexuais, desses adolescentes tornam-se mais expostos à vivência de sofrimento e problemas. Esta vivência danosa vai se constituir em violência doméstica de índole psicológica.

Nas razões para participação ou abandono nas actividades físicas a dimensão uniões prematuras aflora-se inquietante. "As minhas mães, tias, avós fecharam-me a uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o matrimónio. Falam de amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas deferidas no corpo e na alma durante séculos, Samau, fecha a tua boca, esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com tua irmã mais nova mesmo na tua presença, feche os olhos não chore porque o homem não foi feito para uma só mulher " (CHIZIANE, 2003:44).

Realmente, as uniões prematuras constituem um dos fenómenos preocupantes no actual estágio de desenvolvimento humano. Contudo, a sua génese tende a estar ligada às tradições de uma dada sociedade como pode se perceber no romance "Balada de amor ao vento" de Paulina Chiziane. "Fazem-se cumprimentos e discursos, dinheiros tilitam. Coloca-se na esteira a cabeça de rapé e o pano vermelho; exibem-se peças de vestuário, pulseiras, meu Deus, esta é uma feira, eu estou a venda" (CHIZIANE, 2003:38).

A união prematura pode estar relacionada a factores culturais, mas também pode estar associada à pobreza. As adolescentes pertencentes à camada social de baixa renda tendem a começar a trabalhar o mais cedo para ajudar no sustento da família, e, na maioria das vezes, não estão presentes na escola (TEMBE, 2010). Essas adolescentes conhecem pouco ou mesmo não conhecem o outro lado da vida deste mundo globalizado, ou seja, o seu desenvolvimento, principalmente nas TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação?) e também nas actividades desportivas.

Muitas vezes, as adolescentes fogem de casa e vão morar com seus companheiros, mas terminam abandonadas pelo parceiro imaturo e incapaz de assumir responsabilidades, e, com um filho nos braços, voltam então a morar com os pais, onerando ainda mais a renda familiar já escassa (TEMBE, 2006). Neste caso, essas jovens mães vão ficar na dependência financeira dos pais, esquecem os estudos, o desporto, se afastam do grupo de pares, ajudam nos afazeres



de casa, cuidam dos irmãos menores e do filho, enquanto outros membros da família trabalham, transformando de forma abrupta as perspectivas de vida da adolescente. Estes adolescentes constituem uma falange problemática para inserção nas actividades desportivas.

Desta forma, mais uma vez, subscrevemos a ideia de que a cultura influencia a personalidade, porque através de um processo “socializante” e “enculturante” se ditam inúmeras características que um indivíduo adquire.

Outra característica saliente na formação do comportamento do jovem moçambicano é a prevalência de deslocamento das populações vistas como migrações internas. “As migrações internas correspondem ao deslocamento de pessoas dentro do próprio país e as migrações internacionais ao deslocamento de pessoas para um outro país” (BOA, 2016, p.11).

A migração que deve ser vista como um fenómeno social e demográfico complexo com várias características (SALIM, 1992; DAVIS, 1989; DMITRI, 2010 FAZITO, 2010) pode ser significativa se tomarmos em consideração que devido às calamidades naturais e a recém-terminada guerra civil (em 1992) se assiste a este fenómeno que numa forma directa afecta na formação da personalidade do jovem moçambicano. Outrossim, é a formação da personalidade do jovem que num período, por exemplo, a adolescente se vem confrontado com mudanças constantes de residência. Este facto poderá influenciar os motivos para a prática das actividades desportivas considerando que os hábitos culturais influenciam a formação da personalidade.

Outro factor a ter em consideração na interculturalidade moçambicana é a linguagem das suas comunidades. Uma linguagem que é vista como a capacidade de os indivíduos comunicarem-se por meio de um sistema de signos (FIORIN, 2009). Embora a língua portuguesa seja a língua oficial do país, existe uma enorme diversidade de idiomas. Nos vários trabalhos de campo foi possível estar-se presente em territórios que falava Yao, Makonde, Makua-Lomwe, Nyanja, Chuabo, Chewa, Shona, Changana-Ronga, Ki-Swahil, Bitonga e Chopi.

Para a maioria da população, estes idiomas nacionais constituem a sua língua materna e a mais utilizada na comunicação diária. Este factor leva-nos a enfatizar que o jovem moçambicano, como qualquer ser humano, nasce com inesgotáveis potencialidades intelectuais



e fica exposto a um processo de aprendizagem e de realizações culturais durante toda a sua existência e só entra no universo de compreensão e afirmação como ser no mundo, ser de um povo e de uma sociedade ou comunidade quando usa intencionalmente uma linguagem tornando- se, desta forma, detentor de cultura, daí que, só possuindo uma determinada língua o homem passa a criar e cultivar o seu universo cultural e mostrar o que é capaz de fazer, as obras de cultura que proporcionam ao património espiritual do povo, da sociedade, da nação e da humanidade. Para nós, a cultura deve ser entendida na perspectiva de que os indivíduos aprendem a criar os objectos, a conviver e a expressar a sua condição humana.

Nesta ordem de ideia, todo o indivíduo possui cultura tal como esta está expressa, no quotidiano do tempo histórico as diferentes manifestações culturais que aprende como por exemplo, a cultura do artesão visto nas zonas rurais, a cultura de quem pratica o desporto, a cultura enciclopedista, a cultura religiosa etc. Desta forma é considerando a língua neste aspecto que podemos afirmar que ele é um vínculo transmissor da educação, parte da cultura, de geração em geração.

Os motivos para a prática desportiva são uma das expressões que a cultura como sistemas de símbolos assume quer nas suas formas mais pristinas quer nas que reflectem as eventuais aculturações a que os grupos sociais estão sujeitos face ao maior ou menor contacto que mantêm com outros agentes culturais (TEMBE, 2006). Também podem se manifestar, como quando vão trabalhar para outros lugares ou até mesmo sob a influência dos que regressam após terem-se ausentado por algum período para outros países.

De acordo com as particularidades da interculturalidade aqui mencionadas, em especial na área demográfica na vasta cultura moçambicana, urge resumirmos a maneira como se desenrola a adolescência nas diferentes zonas de Moçambique.

É incontestável que as relações entre adolescentes e adultos tendem a ser diferentes, segundo os hábitos culturais de cada zona ou província. Em certas comunidades moçambicanas, ligadas à tradição, a duração do período de adolescência é determinada pelos ritos de iniciação ou de passagem que variam de uma etnia para a outra. Também, no que concerne aos modos



predominantes de enculturação e socialização, certas etnias favorecem a que a educação do adolescente se realize no seio da sua comunidade e não no lugar doutra comunidade.

Esta questão é particularmente actual no que diz respeito aos adolescentes sujeitos a movimentação ora como deslocados de guerra ou de calamidades naturais. De notar que em Moçambique, é saliente a diferença entre adolescentes que vivem numa determinada zona desde a nascença ou desde a mais tenra idade, e os que deixaram a sua zona de origem no início ou meio de adolescência. Para os primeiros, ou o adolescente está especialmente bem integrado no meio social em que vive desde a infância, ou a procura da sua diferença e originalidade leva-o a interrogar-se sobre as suas origens. Nesta situação o jovem moçambicano viverá um conflito identificatório no qual o biculturalismo desempenhará um lugar importante. Para os segundos, a situação será diferente se a vinda para a zona de acolhimento for desejada ou forçada. Se for desejada, a passagem da cultura de origem para o novo meio social será de certa maneira para o jovem uma fonte de dificuldades, mas as diferenças e os possíveis conflitos culturais serão vividos de uma forma dinâmica e positiva. Em contrapartida, se este deslocamento e fixação tiverem sido forçados por razões familiares ou conjunturais, o biculturalismo pode tornar-se um ponto de fixação penosa, tornando as relações do jovem com o meio social que o circunda e com a sua família muito conflituosas.

O jovem deslocado pode, de facto, apreender o novo espaço para onde foi levado como um espaço amputado, uma redução do seu campo potencial. O jovem, nestas condições, arrisca-se então a uma projecção persecutória sobre o espaço presente, que se traduz pela hostilidade para com a nova zona de residência ou província. O jovem sujeito a estas mudanças arrisca-se igualmente a não relacionar as suas dificuldades às novas condições socioculturais e a idealizar o espaço perdido.

O tempo vivido pelos jovens nesta condição é dominado pelo sentimento de que o presente está suspenso. Este é apenas colocado entre o tempo passado, marcado pela nostalgia, pelas angústias, por vezes mesmo pela culpabilidade (por ter deixado uma parte da sua família e ambiente) e o tempo futuro, marcado pela expectativa, mas acima de tudo, pela angústia do lugar de acolhimento.



Por outro lado, a identidade do jovem, onde se encontram inseridas as raízes familiares e culturais, mas também o reconhecimento de si através da sua própria imagem social e da que os outros reflectem, tem a característica anterior. Este conflito corre o risco de se organizar em torno da ausência. Os adolescentes sujeitos a estas condições, mostram como um espaço de segurança, composto por imagens familiares, é fundamental ao indivíduo. As ideologias políticas ou religiosas, os hábitos culturais, os laços familiares que unem os adolescentes à volta das raízes constituem outros tantos meios para reencontrar este espaço de segurança.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Certas comunidades moçambicanas discriminam as actividades físicas e a razão pode ser encontrada abordando aspectos culturais.

A explanação da interculturalidade em que estão inseridos os jovens e que acabamos de expor torna-se pertinente para alargar a compreensão do ambiente que rodeia a participação dos jovens em determinadas actividades físicas.

Assim, considera-se aceitável considerar aspectos da religião, habitação, migração, deficiência e língua como factores adjacentes ao desporto a serem equacionados quando se procura a motivação para a participação em actividades físicas nas comunidades moçambicanas.

Os conhecimentos em relação às actividades físicas e culturais que o jovem acumulou ao longo de anos tendem a estar fixados na consciência de uma forma dispersa. O jovem, principalmente o adolescente, luta por ordenar os conhecimentos e experiências acumuladas de uma forma lógica.

Um problema que deve merecer a atenção por parte dos mobilizadores que trabalham com jovens é desenvolver estratégias face às dificuldades em assimilar correctamente aspectos da religião, migração, habitação, deficiência e língua, pois podem apresentar níveis de autoconceito baixo e desenvolver actividades socialmente não aceites como por exemplo a delinquência e consumo de drogas. Nas comunidades deve-se criar programas com temáticas socialmente aceites para propiciar pensamentos socialmente aceitáveis, como o teatro



educativo, desporto, arte, visita de estudos a lugar históricos, palestra com personalidades de dada comunidade, maneió aceitável dos recursos naturais, entre outros.

## REFERÊNCIAS

BARROS, F. C. F. **Os desportos de adaptação ao meio, numa vertente aplicada, tendo em conta predominantes as especificidades da escola e do turismo no quadro da RAM.** Teses de Doutoramento. Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/1037>. 2014.

BOA, A.F.P. **As causas/motivações da emigração dos profissionais de soldadura.** Dissertação de Mestrado em Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Escola Superior de Ciências Empresariais. Setúbal, 2016.

BURITY, J. A. Religião, política e cultura. **Tempo Social**, 20 (2), 83-113. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200005>.

CHIZIANE, P. **Balada de amor ao vento.** Editora Caminho. Lisboa, 2003.

COSTA, A. Desporto e análise social. **Separata da Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. II, 101-109. 1992.

CRATTY, B. J. **Motivation.** Movement behavior and motor learning (3<sup>a</sup> ed.). Philadelphia: Ed. Lea & Febier, 1973.

CUNHA, AG. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** 2<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

DAVIS, K. Social science approaches to international migration, in Michael Teitelbaum e Jay Winter (eds.), **Population and resources in western intellectual traditions**, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 245-261. 1989.

FAZITO, D. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do "retorno". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 25 (72), 89-176, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100007>.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. Alea: **Estudos Neolatinos**, 11 (1), 148-165. 2009. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100012>.



KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In: D. A. Maciel & Barbato, S. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília: Editora UnB. 2010.

MESQUITA, R. & DUARTE, F. **Dicionário de psicologia**. Plátano Editora. Lisboa, 1996.

NETO, F. **Psicologia Social**. Universidade Aberta. Lisboa, 1998.

OLIVEIRA, J. H. B. & OLIVEIRA, M. B. **Psicologia da Educação Escolar**. 2ª Edição. Livraria Almedina. Coimbra, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. 2006.

PARADISO, S. R. Religiosidade na literatura africana: a estética do realismo animista. **Revista estação Literária**. Londrina, Volume 13, p. 268-281, jan. 2015.

SALIM, C. Migração: o fato e a controvérsia. In: **Encontro nacional de estudos populacionais**, 8., Anais. Brasília: Abep, v. 3, p. 119-143, 1992.

SANTOS, C. M. **Moçambique Como Centro de Articulação de Comércio Português do Índico Afro-Asiático**. Universidade de Brasília, 1990. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso>.

TEMBE, V. A. **Estudo intercultural dos factores de motivação para a prática do desporto em jovens moçambicanos em idade escolar**. Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 2006.

TEMBE, V. A. **Manual da Psicologia de Desenvolvimento**. Instituto Superior Monitor. Maputo, 2010.

UNESCO. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Brasília: UNESCO. 2002. Recuperado em setembro 3, 2020, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>.

VALSINER, J. **Fundamentos da Psicologia Cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2012.



VASCONCELOS-RAPOSO, J. **Os Factores psico-sócio-culturais que determinam e influenciam a busca da excelência pelos atletas da elite portuguesa.** Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real, 1993.

VYGOTSKY, L. S. (1989). **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes.